

# VOZES DISSONANTES DO SÉCULO XIX: O PROTAGONISMO NEGRO NA OBRA UM DEFEITO DE COR, DE ANA MARIA GONÇALVES

Adriana Minervina da Silva[1]



**Resumo**
Este estudo tem por objetivo discutir o protagonismo dos personagens negros na obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. A obra é ambientada no início do século XIX, período historicamente marcado pelas relações coloniais de poder e pela escravidão. Diante de um contexto violento e traumático, temos, na obra, a representação de mulheres e homens que foram escravizados, despidos de sua humanidade pelo sistema colonial vigente. Contudo, na obra em questão, os negros têm a oportunidade de falarem por si, podendo partilhar sofrimentos e experiências do cativeiro, assumindo certo protagonismo que anteriormente lhes foram negados. Propomos, assim, uma leitura a partir dos Estudos Culturais, considerando o contexto histórico e social ao qual se insere a obra, bem como as construções simbólicas desses personagens. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, na qual contaremos com as contribuições de autores como Quijano (2005), Djamila Ribeiro (2017), Spivak (2012) e Young (2005). Ana Maria Gonçalves sugere uma quebra na perspectiva histórica da narração a partir da voz do colonizador, para apresentar um romance narrado por uma mulher negra, repleto de outras vozes dissonantes. Em *Um defeito de cor*, a voz subalternizada tem a oportunidade de se expor a partir da literatura.

**Palavras-chave**: História. Literatura. Resistência.

## Introdução

Este estudo tem por objetivo discutir o protagonismo dos personagens negros na obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. A obra é ambientada no início do século XIX, período historicamente marcado pelas relações coloniais de poder e pela escravidão.

Diante de um contexto violento e traumático, temos, na obra, a representação de mulheres e homens que foram escravizados, despidos de sua humanidade pelo sistema colonial vigente. Contudo, na obra em questão, os negros têm a oportunidade de falarem por si, podendo partilhar sofrimentos e experiências do cativeiro, assumindo certo protagonismo que anteriormente lhes foram negados.

[1] Universidade Federal de Pernambuco. adrianaminervina@gmail.com



Propomos, assim, uma leitura a partir dos Estudos Culturais, considerando o contexto histórico e social ao qual se insere a obra, bem como as construções simbólicas desses personagens. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, na qual contaremos com as contribuições de autores como Quijano (2005), Djamila Ribeiro (2017) e Spivak (2012) .

Ana Maria Gonçalves sugere uma quebra na perspectiva histórica da narração a partir da voz do colonizador, para apresentar um romance narrado por uma mulher negra, repleto de outras vozes dissonantes. Em *Um defeito de cor*, a voz subalternizada tem a oportunidade de se expor a partir da literatura.



**A colonialidade do poder em *Um defeito de cor***

Na obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, há diversos relatos de violência e movimentos de resistência comuns à época em que se contextualiza a história (colonialismo). Em meados de 1800, período em que se desenvolve a obra, as relações de poder, bem como as boas condições de trabalho eram concentradas nas mãos de homens brancos e ricos da época, que escravizavam os negros por julgá-los inferiores e incapazes. Os resquícios dessa violência permanecem vivos até nossos dias, transformados em traumas.

Segundo Aníbal Quijano (2005), com a globalização em curso, ocorre a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial. Para ele, os efeitos do eurocentrismo nas sociedades onde emergem a colonialidade do poder tem sua raiz no colonialismo.

Quijano (2005) trabalha com categorias como classe, raça, gênero e divisão social do trabalho. Sobre a ideia de raça, por exemplo, em seu sentido moderno, ele afirma que não tem sua história conhecida antes da América, que provavelmente é uma herança das diferenças entre conquistadores e conquistados. Dessa classificação nascem diversas outras identidades (negros, índios e mestiços), sempre consideradas como inferiores nas relações de dominação.

Essa codificação foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. Historicamente, isso significou uma legitimação das ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados.



Tais noções implicaram diretamente na organização social do trabalho. Com o capitalismo, aparecem muitas formas de exploração e controle da produção/apropriação/distribuição de produtos em torno da relação capital-salário. Porém, nem todos poderiam participar ativamente desse processo, os povos colonizados, classificados como inferiores não eram dignos de salários, sendo obrigados a viverem como escravos, sendo apenas partes subordinadas num novo padrão global de controle do trabalho.



Assim, a ideia de raça foi associada à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura de controle do trabalho. Apenas os portugueses e espanhóis considerados a raça dominante, poderiam receber salários, comercializar mercadorias de modo independente. Somente tempos depois, impôs-se o fim da escravidão dos índios e, mais tarde, dos negros.

Quijano (2005), afirma que todos esses elementos de controle político, social e cultural compõe a colonialidade do poder, que também resulta do processo de racionalização das relações sociais de trabalho. Todas essas questões oriundas de processos históricos geram profundas mudanças das subjetividades (ou intersubjetividade, conforme ele cita).

Esses elementos podem ser percebidos em *Um defeito de cor*, em que, mesmo criança a protagonista Kehinde toma consciência de sua condição de escrava:

> De repente, vimos surgir do meio da mata, na direção de outro engenho, alguns grupos de pretos correndo de cães e de tiros, gritando palavras como liberdade, morte aos brancos e justiça. [...] Olhando para um deles que tinha tombado perto de mim, o corpo caído do costas e se debatendo, meu peito foi ficando apertado com a visão do riozinho de sangue, ao mesmo tempo em que nascia em mim uma revolta muito grande pela nossa condição (GONÇALVES, 2016, p.144).

Após uma tentativa de fuga, os escravos encontrados na busca são punidos com armas de fogo, sendo mortos sem direito a nenhum cuidado. Em sua condição de subserviência, eram obrigados a aceitar os maus tratos, sem oportunidade de reivindicar direitos ou pedir justiça. Qualquer forma de discordância daquele sistema implicaria em punições extremas, inclusive a morte. Ao presenciar isso, Kehinde passa a compreender quão difícil seria conviver naquele contexto hostil. Mesmo



diante de tantas dificuldades, ela persiste e consegue construir uma história de vida a partir da superação da violência colonial que a cercava.

**Sobre a obra *Um defeito de cor***

Os anos de 1800 são marcados pelas relações de poder e pela escravidão. Sendo o comércio de escravos uma prática lícita, durante muito tempo era comum a utilização da mão de obra de pessoas negras nascidas no Brasil ou em algum país da África para todos os tipos de atividades, desde trabalhos domésticos até à agricultura. Por sua cor, os negros eram historicamente considerados inferiores e sem alma.



Com a chegada de pessoas oriundas de outras culturas, com outra língua nativa, costumes e práticas religiosas diferentes, acontece um primeiro choque cultural ao descobrir os modos e costumes da cultura local. Segundo Bhabha (1998, p.23), “os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos.” Nessa perspectiva, consideramos que aqui no Brasil, tais embates foram não apenas conflituosos, mas também traumáticos.

As pessoas negras que foram escravizadas eram obrigadas a abandonar sua identidade cultural e adotar a cultura brasileira como sua a partir de então. Sendo esse processo complexo, difícil e nada pacífico, acontecem a partir daí uma série de conflitos que resultam em novos elementos culturais, que afetam o modo de vida e trabalho de todas as pessoas.

Esses novos elementos culturais põem em conflito a questão da identidade cultural, agora descentrada, repleta de deslocamentos, imagens, memórias. Os fatos históricos importantes passam a fazer parte da literatura, suscitados a partir da elaboração literária, apresentando novas leituras, compreensões e realidades. É o caso da obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves.

Ambientado nos anos finais do século XVIII, o romance relata diversos conflitos ocorridos na História do Brasil a partir da narrativa literária. É, por isso, considerado um romance histórico. A narrativa se concentra em apresentar a vida da personagem Kehinde, mulher de origem africana, capturada ainda na infância e trazida para o Brasil para ser vendida como escrava. Após passar por diversos sofrimentos, ela consegue sua liberdade e sua emancipação financeira, tornando-se



uma mulher intelectual, profundamente afetada pela leitura dos textos literários que tem acesso.

Ao longo de sua história de vida, Kehinde convive com diversos conflitos, como a perda de seus parentes quando ainda era criança, sua cor, a situação sub-humana em que viviam os escravos, a violência de seu dono, a luta pelo direito à maternidade e, posteriormente, a busca eterna pelo filho que fora vendido como escravo pelo próprio pai. Relatos de memórias do Brasil e da África são constantes na fala da personagem, que sofre por estar constantemente em conflito. Tudo isso junta-se às muitas viagens que ela precisa realizar e as imagens de rios e mortes que compõe a sua vida.



Todos esses elementos estão presentes em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, que propõe uma leitura além das relações entre colonizador/colonizado. Propõe-nos uma compreensão do contexto histórico daquela época e de personagens que conseguem, apesar das condições adversas, ter uma história de vida diferenciada a partir do contato com a literatura, que vem a ser transformador a tal ponto de modificar a sua visão e compreensão de mundo.

**O protagonismo negro em *Um defeito de cor***

O primeiro aspecto o qual destacaremos o protagonismo dos personagens negros na obra é o ponto de vista da narração. O romance *Um defeito de cor* trata essencialmente da história de vida de Kehinde, mulher de origem africana, capturada para ser vendida no Brasil como escrava quando ainda era menina.

Kehinde é a narradora-protagonista da obra. Sua narrativa é permeada de memórias de seus sofrimentos, relatos de violência e conflitos diversos os quais ela precisa convivem diariamente. Tais relatos demonstram a importância desse tipo de representação, pois, ao longo da historiografia literária, personagens negros sempre foram descritos por vozes brancas, elitistas, e muitas vezes, racistas. Nesse romance, a autora propõe essa importante mudança de perspectiva, deixando que os negros falam por si mesmos.

**A voz da narradora**

O primeiro relato que trataremos é de quando a protagonista era ainda criança. Em sua primeira diáspora, Kehinde sai de sua terra Savalu em direção a



Uidá, na África após sua família sofrer um ataque de um povo de uma etnia inimiga. Neste ataque, sua mãe é estuprada e morta, matam também o seu irmão por tentar defender a mãe. Com isso, sua avó decide mudar de cidade a fim de preservar a vida das netas Kehinde e Taiwo.



> Depois de andarmos até onde nossas forças aguentaram, paramos para comer, e a minha avó disse que estávamos indo para o litoral, para Uidá. Eu não sabia onde ficava Uidá e também não me preocupei em perguntar, pois estava mais interessada na estrada que nos levaria até lá, cheia de gente usando panos, cortes de cabelo, marcas de tribo e pinturas que nunca tinha visto antes (GONÇALVES, 2016, p.26).

Nesta primeira experiência de viagem, Kehinde já percebe a riqueza cultural que permeia a sua volta. Muitas etnias distintas, com suas vivências e, além disso, a geografia cultural afeta a sua memória e instiga a curiosidade por descobrir mais elementos novos. A viagem toma um sentido de recomeço, descobertas e tentativa de superação dos sofrimentos recentes, já que naquele momento, só lhe restava a companhia da avó e da irmã gêmea.

Para Hall (2003, p.104), “Os ‘efeitos de fronteira’ não são ‘gratuitos’, mas construídos; consequentemente, as posições políticas não são fixas, não se repetem de uma situação histórica a outra.” Ao longo de sua história, Kehinde precisará se reinventar a partir desses efeitos de fronteira e sofrerá diversos outros deslocamentos (culturais, territoriais e de si mesma) para superar os contextos de violência e opressão que constantemente surgem na sua vida.

Destacamos, aqui, a importância do lugar de fala dado a protagonista, uma vez que a história é contada a partir do ponto de vista de quem sofreu na pele tais violências e conseguiu obter êxito, passando a ser ex-escrava. Segundo Ribeiro (2017), “reconhecendo a equação: quem possuiu o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. (RIBEIRO, 2017, p.16).

Sabemos que a “história oficial” sempre foi contada por homens brancos que representam nesse contexto todo o sistema imperialista. Em *Um defeito de cor*, temos a oportunidade de quebra da visão colonial imposta e a representação, de fato, de um espaço de fala dado a uma mulher negra que sofreu todo esse processo e carrega em si todos os estigmas sociais em relação a sua cor e suas vivências.





**A atuação em conflitos**

Outro momento em que destacamos o protagonismo negro da obra é a frequente atuação em conflitos de resistência à escravidão. Em meio a tantas agressões e maus tratos que os escravos sofriam, existiam sim, vozes dissonantes que atuavam em resistência ao sistema colonial imposto. Em *Um defeito de cor*, há relatos de diversos conflitos em que os negros participaram ativamente, reivindicando a liberdade e melhores condições de vida.

> Em frente ao teatro encontramos uma pequena patrulha, que rapidamente foi desarmada e posta para correr, sendo que àquela altura eu já estava querendo entrar em combate também, e não apenas fazer parte do grupo. Era uma sensação estranha, uma vontade de me vingar, de atacar alguém com a parnaíba que eu tinha nas mãos, principalmente quando via um dos nossos sendo atingido, o abadá branco manchado de sangue no lugar perfurado pela bala (GONÇALVES, 2016, p.526).

Neste excerto, percebemos a descrição de um momento de conflito entre escravos e homens brancos, os trabalhadores de confiança dos senhores da casa grande. A narradora já confirma seu tom de revolta e o desejo de vingança pelos companheiros mortos e feridos. Uma luta extremamente desigual, visto que os escravizados lutavam com o próprio punho ou armas artesanais, enquanto os adversários, lutavam com armas de fogo.

Apesar da luta desigual, os negros nunca desistiram de lutar e resistir. É sempre importante lembrar que paralelo a movimentos de opressões, sempre existiram movimentos de resistência contra o sistema vigente. Formas de sobrevivência sempre foram necessária e não podemos esquecer de menciona-las ao tratar desse tema.

Para Ribeiro (2017), “se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível”. (RIBEIRO, 2017, p.25). Assim, é preciso dar a voz aos subaternizados para que falem por si de suas realidades e sofrimentos, pois somente assim passarão a ser visíveis ou pensadas para serem melhoradas. É um embate constante, que precisa ser visto e considerado.





**A proteção aos seus**

Na obra *Um defeito de cor*, a protagonista Kehinde também abrigava pretos fugidos em sua casa. Após ter conseguido a alforria, Kehinde consegue ter sua casa, um espaço que poderia considerar como lar. Nesse ambiente, por ser amplo e espaçoso, ela costumava dar abrigo temporário a quem precisasse, inclusive a pretos que fugiam e tentavam refazer suas vidas longe do sofrimento da escravidão. "Durante o tempo em que o Aprígio ficou escondido no sítio, ele dividiu o espaço apenas com um preto que não chegou a ficar muito tempo, apareceu no meio da noite e partiu no fim da tarde do dia seguinte" (GONÇALVES, 2016, p.392).

Esse movimento de chegadas e saídas do sítio de Kehinde passou a ser constante, pois os pretos se ajudavam e comentavam entre si os locais onde era possível encontrar apoio. Dando abrigo após a fuga, eles podiam descansar, recompor as forças, se alimentar e planejar o que fazer dali em diante. Esse apoio era de fundamental importância na vida daqueles que conseguiam uma oportunidade de mudar a sua história de vida.

Os pretos escravizados desde cedo tinham consciência de sua condição e seus sofrimentos. Por isso, reconheciam alguns pequenos esforços de quem não passava por aquela situação e era sensível à luta, porém, tinham a erteza que somente eles sabiam mensurar a dor que sentiam: "Por mais que o Alberto, o doutor José Manoel, e a sinhazinha fossem bons, também eram brancos, tinham nascido livres e com dinheiro, e nunca entenderiam as nossas necessidades." (GONÇALVES, 2016, p.423).

Para Spivak (2012), "Ignorar o subalterno hoje é – quer queira quer não – continuar o projeto imperialista." (SPIVAK, 2012, p.127). Daí a importância de narrativas como *Um defeito de cor*, que possibilitam esse lugar de fala ao subalternizado, deixando-o falar por si de seus sofrimentos. Destacamos também a atitude descolonizadora da autora em propor um romance desse tipo, com muitas vozes dissonantes que se tornam protagonistas naquele contexto histórico.

**Considerações finais**

Neste breve estudo, pudemos observar alguns momentos de protagonismo negro na obra *Um defeito de cor*. Nesta obra, a protagonista, Kehinde, tem sua vida permeada de sofrimentos que tocam em sua condição étnica, de gênero e social.



Tais sofrimentos passam a ser superados a partir de quando ela toma consciência desse contexto hostil ao qual ela está inserida e passa a lutar contra ele.

Com a atuação da colonialidade do poder, o contexto político, social e cultural é diretamente afetado, e as relações de trabalho baseadas na subserviência dos escravos, controlados por seus senhores. As relações de poder são fortemente marcadas pela violência, sob ameaças, punições, torturas e mortes. Ainda assim, é possível encontrar brechas no sistema, em que a não correspondência direta a ele significa uma luta ideológica e política.



Nesse sentido, a visão da autora é considerada por representar escravizados que agem ativamente na obra e podem falar por si. Kehinde após muitas lutas por sua liberdade consegue sobreviver ao contexto hostil em que se encontrava, superando-o. Tanto na infância, quanto na fase adulta, os negros convivem de perto com a violência colonial e os sofrimentos provocados pela escravidão, mas sempre tentam resistir e lutar por sua liberdade e melhores condições de vida.

Seja lutando efetivamente por suas vidas, seja protegendo os seus, os negros podem ser considerados protagonistas de suas histórias por terem a oportunidade de falarem por si, contar seus sofrimentos e superações

Todas as memórias dessa protagonista, a ex-escrava que se emancipa e consegue viver por si estão eternizadas na literatura de Ana Maria Gonçalves e seguem sendo inspirações e representatividade social.

**Referências**

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

GONÇALVES, A. M. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In:LANDER, E. (Org). **A Colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, Clacso, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.